

OS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SÍTIO ARRUDA EM ARARIPE – CEARÁ

*THE PRINCIPLES OF GOOD LIVING IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF
SÍTIO ARRUDA IN ARARIPE – CEARÁ*

*LOS PRINCIPIOS DEL BUEN VIVIR EN LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE SÍTIO
ARRUDA EN ARARIPE - CEARÁ*

Tayronne de Almeida Rodrigues¹

Francisca Laudeci Martins Souza²

Zuleide Fernandes de Queiroz³

Cicera Nunes⁴

Resumo: O artigo demonstra que os princípios conceitualizados como Bem Viver estão presentes nos discursos dos moradores da comunidade quilombola Sítio Arruda, localizada em Araripe, Ceará. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da análise de uma série de documentários disponíveis na plataforma *YouTube*, em que alguns moradores narram suas experiências e histórias da comunidade, foi possível identificar e analisar de quais formas o Bem Viver é vivenciado no Sítio Arruda. Dentre os princípios do Bem Viver identificados nas falas dos moradores destacam-se: a valorização da prática da agricultura; o uso racional da água; a valorização dos conhecimentos das mulheres e dos anciãos; a defesa da identidade; a relação de complementaridade entre os seres humanos e a Natureza; a valorização da reciprocidade e do trabalho como fatores de crescimento da comunidade.

Palavras-chave: Bem Viver; Sítio Arruda; Identidade Quilombola.

Abstract: The article demonstrates that the principles conceptualized as Well Living are present in the speeches of the residents of the quilombola community Sítio Arruda, located in Araripe, Ceará. From a literature review on the topic and the analysis of a series of documentaries available on the YouTube platform, in which some residents narrate their experiences and stories of the community, it was possible to identify and analyze the ways in which Bem Viver is experienced at Sítio Arruda. Among the principles of Good Living identified in the speeches of the residents, the following stand out: the appreciation of the practice of agriculture; the rational use of water; valuing the knowledge of women and elders; the defense of identity; the complementary relationship between human beings and Nature; the appreciation of reciprocity and work as factors for the growth of the community.

Keywords: Well Living; Arruda Site; Quilombo identity.

Resumen: El artículo demuestra que los principios conceptualizados como Buen Vivir están presentes en los discursos de los vecinos de la comunidad quilombola Sítio Arruda, ubicada en Araripe, Ceará. A partir de una revisión bibliográfica sobre el tema y el análisis de una serie de documentales disponibles en la plataforma de YouTube, en los que algunos vecinos narran sus vivencias e historias de la comunidad, fue posible identificar y analizar las formas en que se vive Bem Viver en Sítio Arruda. Entre los principios del Buen Vivir identificados en los discursos de los vecinos destacan: la valoración de la práctica de la agricultura; el uso racional del agua; valorar los conocimientos de mujeres y ancianos; la

¹ Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPGADT/UNIVASF). E-mail: tayronnealmeid@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: laudecimartins@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: zuleidefqueiroz@gmail.com

⁴ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: cicera.nunes@urca.br

defensa de la identidad; la relación complementaria entre el ser humano y la Naturaleza; la valoración de la reciprocidad y el trabajo como factores para el crecimiento de la comunidad.

Palabras clave: Buen Vivir; Sitio de Arruda; Identidad quilombo.

Introdução

O presente artigo pretende identificar nos discursos dos moradores da comunidade quilombola Sítio Arruda alguns dos princípios do Bem Viver (Alberto ACOSTA, 2016; David CHOQUEHUANCA, 2010b). A proposta metodológica é eminentemente teórica, de caráter qualitativo, a partir de revisão e delineamento bibliográfico em torno da filosofia do Bem Viver, forma de vida que se contrapõe aos parâmetros de desenvolvimento produtivistas sob a égide do capital. Como complemento metodológico, lançamos mão do de documentário extraído do YouTube, sobre a comunidade quilombola do Sítio Arruda, na região do Cariri, a fim de localizar os registros práticos do Bem Viver, ou seja, como os princípios do Bem Viver como o (re)incorporar a agricultura, proteger as sementes, respeito aos saberes ancestrais, respeito às mulheres, entre outros aspectos, pode ser verificados na cotidianidade prática do Sítio Arruda. Em suma, o recurso digital tende a afirmar material e efetivamente os parâmetros de desenvolvimento sustentável aqui lançados (Amanda Regina Martins DIAS *et al*, 2018). Em especial, a análise das falas dos moradores permitiu identificar os princípios do Bem Viver, uma vez que nos vídeos há uma série de narrativas em que são abordadas temas referentes aos modos de vida dos comunitários.⁵

Inicialmente, este artigo conceitua o Bem Viver identificando os seus princípios para, posteriormente, apresentar uma análise dos discursos dos moradores da comunidade quilombola Sítio Arruda.

Conceituando o Bem Viver

A expressão Bem Viver, utilizada há alguns anos por movimentos sociais brasileiros, tem origem no termo *sumak kawsay*, em língua kichwa originária do Equador. *Sumak* é traduzido para belo, bonito, excelente, e *kawsay* significa vida. Disso decorre a expressão *Buen Vivir*, como é utilizada no Equador e *Vivir Bien*, como é utilizado na Bolívia (ACOSTA, 2016; nota do tradutor)⁶. Nesse sentido, Acosta (2016) define o Bem Viver como uma filosofia em construção alicerçada no modo de vida e na cosmologia ameríndias. No entanto, pondera o

⁵ Vídeos disponíveis no YouTube no Canal da Revista África e Africanidades, no seguinte endereço: <<https://youtube.com/playlist?list=PLoOE69U2m--IsDM4uqSFInX4xHmRn5hoc>>.

⁶ O termo Bem Viver também ocorre nas línguas aymara (na expressão *suma qamaña*) e guarani (expressão *nhande-reko*)

autor que tal filosofia encontra-se presente em várias culturas, em especial, dos povos e comunidades tradicionais que há séculos vêm resistindo ao avanço colonizador e desenvolvimentista do Ocidente. Em outras palavras, o Bem Viver está pautado em uma convivência harmoniosa com a Natureza que reconhece os seres humanos como integrantes indissociáveis dos demais seres do planeta. Ocorre, nesse sentido, uma inversão da perspectiva estritamente utilitarista na qual os recursos naturais são vistos apenas como matérias-primas para satisfazer as necessidades de consumo das sociedades industrializadas.

Pois bem, o debate em torno do conceito do Bem Viver tem relação direta com a recuperação e valorização dos saberes ancestrais (Luis Carlos Dalla ROSA, 2019). A hegemonia do modo de produção capitalista, fundamentado em relações de produção às quais o homem submete-se na condição mercadoria força de trabalho concebe a própria relação humana com a natureza externa como relação-mercadoria (Karl MARX, 2004). Nesse sentido, amparado pelo uso da ciência e da técnica enquanto ideologia a serviço das forças produtivas (Jürgen HABERMAS, 1987), o parâmetro de desenvolvimento levado a cabo pelas potências capitalistas desconsidera e desvaloriza todas as formas de saber de povos que produzem e reproduzem outra dinâmica de metabolismo social com o meio natural.

Por isso, a proposta em torno da manutenção e construção de uma vida sustentável e equilibrada como estratégias fundamentais para a garantia de uma vida digna e para a sobrevivência da espécie humana e do planeta dialoga criticamente com os descaminhos e contradições vivenciadas historicamente no desenvolvimento econômico hegemônico capitalista, conforme aponta Rosa (2019), ao propor relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes a partir de uma articulação política em que se fortaleça as relações comunitárias e solidárias. Tais elementos devem, portanto, configurar uma nova forma da vida, um novo princípio de vida que se estabeleça como um projeto para toda a sociedade.

Sob os antagonismos latentes entre capital e trabalho e a conseqüente pauperização desumanizante da vida no mundo contemporâneo, este debate possui critérios éticos fundamentalmente práticos, pois um modo de vida baseado nos preceitos do Bem Viver remonta à necessidade de um mundo que necessita de mudanças profundas nesse sentido, na América Latina, nas últimas décadas, surgiram propostas para uma verdadeira transformação civilizatória. Em especial, no Equador e na Bolívia, países andinos e amazônicos, essas propostas ganharam força política e passaram a constar nas constituições nacionais.

Os descaminhos do desenvolvimento

É fundamental evidenciar que a proposta mais geral do Bem Viver incide sobre uma crítica aos pressupostos do desenvolvimento, alicerçadas nas tradições eurocêntricas de acumulação do capital, individualismo e uso descontrolado dos recursos naturais. Na contramão dessa visão, que demonstra evidentes sinais de esgotamento, o Bem Viver propõe uma convivência em comunidade e na Natureza, convivência essa que resiste há séculos de expansão do capital e tem como exemplos práticos os modos de vida de diversos povos e comunidades tradicionais do planeta.

Ocorre que para a efetivação do projeto de Bem Viver é necessário o rompimento com as estruturas estatais e a construção de uma institucionalidade alicerçada no exercício horizontal do poder. Nesse sentido, argumenta Acosta (2016) que é necessário ampliar os espaços comunitários para ativar a organização social, o que passa pela ampliação do conceito de democracia.

Note-se, como veremos ao longo do artigo a partir das experiências comunitárias da comunidade quilombola Sítio Arruda, que, na prática, tem sido sobre esses princípios que a construção da cidadania ocorre no local, com a ampla atuação da Associação dos moradores que representa uma articulação política estruturada no pertencimento étnico na luta e conquista por direitos sociais. Mas antes de avançarmos sobre esse tipo de análise e comparação, vejamos mais um pouco a respeito das críticas ao desenvolvimento formuladas pelo conceito de Bem Viver.

É muito importante observar a dimensão política implícita na formulação da proposta do Bem Viver. Isso porque, para além de uma questão meramente técnica, trata-se, sobretudo, da recriação de um mundo a partir do âmbito comunitário em que sejam garantidos os Direitos Humanos - culturais, ambientais, econômicos, sociais e políticos - e também os Direitos da Natureza (ACOSTA, 2016).

O ponto central do Bem Viver diz respeito ao fato da centralidade da Natureza. Tal ponto, a título de exemplo, foi incorporado na Constituição do Equador, o que denota uma postura biocêntrica baseada em uma perspectiva ética na qual todos os ecossistemas e seres vivos possuem um valor intrínseco (ROSA, 2016). Em suma, a proposta do Bem Viver visa, em última análise, à construção de alternativas ao desenvolvimento baseado no industrialismo e na exploração irracional dos recursos naturais. Ou seja, na superação da ideia de desenvolvimento tal qual foi construída desde o início do capitalismo.

Os princípios do Bem Viver

Segundo Liliane Cristine Schlemer Alcantara e Carlos Alberto Cioce Sampaio (2017), autores fundamentais para se abordar não somente os princípios do Bem Viver, mas a sua dimensão historicamente constituída, o Bem Viver deve ser considerado um projeto libertador e tolerante que busca somar diversas histórias de luta e propostas de mudanças e nutre-se de experiências existentes em vários lugares do planeta. Nesse sentido, um dos principais objetivos da construção do Bem Viver é oferecer alternativas de desenvolvimento para a superação dos efeitos devastadores das mudanças climáticas e das violências sociais.

Antes de acentuarmos alguns princípios do Bem Viver verificados na sociabilidade quilombola do Sítio Arruda, por meio do documentário do YouTube, cabe destacar alguns aspectos do identitarismo cultural produzido a partir do contexto societário não somente de origem, mas de formação do sujeito. Esse contexto diz respeito a um amplo e complexo arcabouço cultural relacionado a formas e expressões de vida registradas, por exemplo, na arte, na música, no conhecimento do território, no manejo da terra, entre outras. Tais manifestações, convergentes com os fundamentos do Bem Viver, estão balizadas em uma visão ecocêntrica, cujas relações sociedade-natureza têm como objetivo diminuir os impactos sobre os recursos naturais (AICANTARA; SAMPAIO, 2017).

Bem Viver ao mesmo tempo que deve ser imaginado como um caminho a ser construído também já está presente em muitas realidades sociais em que ocorre uma vida harmônica entre os seres humanos e deles com a Natureza, principalmente, entre povos e nacionalidades indígenas. Esses grupos, historicamente excluídos, explorados e marginalizados tiveram suas propostas de modos de vida invariavelmente invisibilizadas por muito tempo. Tratam-se de povos e comunidades que possuem práticas cotidianas, uma verdadeira sabedoria prática pautada em experiências e conhecimentos que, de uma maneira geral, nutrem uma profunda relação com a Pacha Mama, a Mãe Terra, ou seja, uma compreensão de que existe complementaridade entre todos os seres vivos.

Acosta (2016) exemplifica demonstrando que existem noções similares ao Bem Viver entre povos indígenas do Chile, do Panamá, da Amazônia equatoriana e também nas tradições maias da Guatemala e em Chiapas, região meridional do México. O autor destaca que para o projeto político e filosófico do Bem Viver é fundamental recolher o maior número possível de práticas, sabedorias e experiências dos conhecimentos dos povos e nacionalidades indígenas.

No entanto, Acosta (2016) pondera que tais práticas não se reduzem somente aos povos indígenas. Pelo contrário, o Bem Viver em sua essência se aplica a tudo aquilo que é relativo a

uma população originária no território que habita. Nesse sentido, existem muitas experiências de Bem Viver na vida comunitária não indígena, lugares em que tem se construído modos de vida resistentes ao histórico sistema dominante de colonização.

Tendo como um de seus fundamentos o respeito e a valorização das diversidades, o Bem Viver, argumenta Acosta (2016), surge como parte de um processo de luta das populações marginalizadas e periféricas. Eminentemente subversivo, o Bem Viver aponta saídas descolonizadoras e trata-se, sobretudo, de uma vivência pautada na convivência harmônica entre os seres humanos e dos seres humanos com a Natureza. Não se trata, alerta o autor, de negação das vantagens tecnológicas do mundo moderno e sim de impulsionar formas alternativas ao desenvolvimento.

A elucidação de maneira sistematizada dos princípios dos Bem Viver foi fornecida por David Choquehuanca (2010b), à época, ministro das Relações Exteriores e atual vice-presidente da Bolívia, em uma entrevista ao jornal La Razón⁷. Ao todo, são 25 (vinte e cinco) princípios do Bem Viver, dos quais, dar-se-á destaque somente àqueles princípios que podem ser verificados na sociabilidade quilombola do Sítio Arruda, por meio do documentário do YouTube

Priorizar a vida

Bem Viver é buscar a vivência em comunidade, onde todos os integrantes se preocupam com todos. O mais importante não é o ser humano (como afirma o socialismo) nem o dinheiro (como postula o capitalismo), mas a vida. Pretende-se buscar uma vida mais simples. Que seja o caminho da harmonia com a natureza e a vida, com o objetivo de salvar o planeta e dar prioridade à humanidade.

Manter equilíbrio com a natureza

Bem Viver é levar uma vida equilibrada com todos os seres dentro de uma comunidade. Assim como a democracia, a justiça também é considerada excludente, de acordo com o chanceler David Choquehuanca, porque só leva em conta as pessoas dentro de uma comunidade e não o que é mais importante: a vida e a harmonia do ser humano com a natureza. É por isso que Viver Bem aspira a ter uma sociedade com equidade e sem exclusão.

Defender a identidade

Bem Viver é valorizar e recuperar a identidade. Dentro do novo modelo, a identidade dos povos é muito mais importante do que a dignidade. A identidade implica em desfrutar plenamente de uma vida baseada em valores que resistiram mais de 500 anos (desde a conquista espanhola) e que foram legados pelas famílias e comunidades que viveram em harmonia com a natureza e o cosmos.

(Re) incorporar a agricultura

⁷ Disponível em: http://www.altaalegremia.com.ar/Vivir_Bien.phtml. Acesso em: 10 de set. de 2021.

Bem Viver é (re) incorporar a agricultura às comunidades. Parte desta doutrina do novo Estado Plurinacional é recuperar as formas de vivência em comunidade, como o trabalho na terra, cultivando produtos para cobrir as necessidades básicas para a subsistência. Neste ponto se fará a devolução de terras às comunidades, de maneira que se produzam as economias locais.

Trabalhar em reciprocidade

Bem Viver é retomar a reciprocidade do trabalho nas comunidades. Nos povos indígenas esta prática se denomina ayni, que não é mais do que devolver em trabalho a ajuda prestada por uma família em uma atividade agrícola, como o plantio ou a colheita. “É mais um dos princípios ou códigos que garantirão o equilíbrio nas grandes secas”, explica o Ministro das Relações Exteriores.

Proteger as sementes

Bem Viver é proteger e guardar as sementes para que no futuro se evite o uso de produtos transgênicos. O livro Viver Bem, como resposta à crise global, da Chancelaria da Bolívia, especifica que uma das características deste novo modelo é preservar a riqueza agrícola ancestral com a criação de bancos de sementes que evitem a utilização de transgênicos para incrementar a produtividade, porque se diz que esta mistura com químicos prejudica e acaba com as sementes milenares.

Respeitar a mulher

Bem Viver é respeitar a mulher, porque ela representa a Pachamama, que é a Mãe Terra que tem a capacidade de dar vida e de cuidar de todos os seus frutos. Por estas razões, dentro das comunidades, a mulher é valorizada e está presente em todas as atividades orientadas à vida, à criação, à educação e à revitalização da cultura. Os moradores das comunidades indígenas valorizam a mulher como base da organização social, porque transmitem aos seus filhos os saberes de sua cultura.

Viver Bem e NÃO melhor

Bem Viver é diferente de viver melhor, o que se relaciona com o capitalismo. Para a nova doutrina do Estado Plurinacional, viver melhor se traduz em egoísmo, desinteresse pelos outros, individualismo e pensar somente no lucro. Considera que a doutrina capitalista impulsiona a exploração das pessoas para a concentração de riquezas em poucas mãos, ao passo que o Viver Bem aponta para uma vida simples, que mantém uma produção equilibrada.

Escutar os anciãos

Bem Viver é ler as rugas dos avós para poder retomar o caminho. O Chanceler destaca que uma das principais fontes de aprendizagem são os anciãos das comunidades, que guardam histórias e costumes que com o passar dos anos vão se perdendo. “Nossos avós são bibliotecas ambulantes, assim que devemos aprender com eles”, menciona. Portanto, os anciãos são respeitados e consultados nas comunidades indígenas do país (CHOQUEUANCA, 2010b [tradução nossa]).

Por tudo que foi exposto até aqui, faz todo sentido observar e analisar o modo de vida das comunidades quilombolas. Isso porque tratam-se de comunidades historicamente marginalizadas e que constroem um modo de vida baseado na cooperação e não na utilização

irracional dos recursos naturais, na promoção da saúde e na busca pela melhoria das condições de vida da comunidade e da natureza.

Tal ponto pode ser também verificado na própria definição de Povos e Comunidades Tradicionais presente no Decreto 6.040/2007, onde lê-se que:

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (...)" (BRASIL, 2007).

Temos que, a partir da legislação supracitada, a própria definição de povos e comunidades tradicionais no Brasil indica como característica dessas populações as relações harmoniosas com os recursos naturais, uma vez que essa postura é condição de sua própria reprodução social através das gerações. Essa aproximação entre o conceito de povos e comunidades tradicionais, no caso, especificamente quilombola, e os princípios do Bem Viver é o que passaremos a verificar na próxima seção.

Princípios do Bem Viver na Comunidades Quilombola Sítio Arruda

Nesta seção, pretendemos identificar e analisar algumas práticas dos moradores da comunidade Quilombola Sítio Arruda que têm como princípio o Bem Viver. O material a ser analisado é composto por uma série de filmes documentários disponíveis na plataforma *YouTube*.

Cabe mencionar que a proposta metodológica é eminentemente teórica, de caráter qualitativo, a partir de revisão e delineamento bibliográfico em torna da filosofia do Bem Viver. Como complemento metodológico, lançamos mão de documentário extraído do *YouTube*, sobre a comunidade quilombola do Sítio Arruda, na região do Cariri, a fim de localizar os registros práticos do Bem Viver, ou seja, como os princípios do Bem Viver, como o (re)incorporar a agricultura, proteger as sementes, respeito aos saberes ancestrais, respeito às mulheres, entre outros aspectos, pode ser verificados na cotidianidade prática do Sítio Arruda. Ou seja, o recurso digital – assim como algumas imagens do próprio documentário reproduzidas neste artigo – não possui autonomia em si, mas é instrumentalizado no sentido de explicitar a dimensão prática dos princípios do Bem Viver em uma determinada dinâmica social, conforme sustenta Dias *et al* (2018). Dito isto, o nervo central que orienta nossas diretrizes metodológicas é a unidade teoria e prática/conceito e realidade, em uma perspectiva dialética, na medida em

que o conceito que tem de expressar o real não é algo fechado, puro e estático, mas, ao contrário, é a expressão em pensamento de configurações sociais dinâmicas, passíveis de contradições e questionamentos reflexivos.

Um ponto merece ser ressaltado: a escolha das falas e discursos dos moradores da comunidade que pudessem ser articulados com o conceito de Bem Viver não foi algo aleatório. Captamos aqueles elementos da dinâmica social que explicitam, não de forma direta, mas implícita, o Bem Viver. Por exemplo, nos registros relacionados ao saber ancestral e ao manejo com a terra. Isso porque sendo o Bem Viver um conjunto de princípios, e algo relacionado à experiência de vida, importa menos capturar uma elaboração conceitual por parte dos moradores e mais evidenciar que a forma como a comunidades quilombola Sítio Arruda organiza socialmente seu modo de vida vai ao encontro do que é compreendido como os fundamentos do Bem Viver.

"Água pra luta": do sofrimento ao orgulho de ser quilombola

No documentário "O Quilombo resiste: conhecendo a história da Comunidade Quilombola do Sítio Arruda"⁸, Severino Caetano (Pai Lourenço), líder da comunidade, conforme a figura 1, recupera a trajetória dos primeiros moradores do local, caracteriza as primeiras moradias e cita nominalmente as pessoas que constituíram inicialmente a comunidade.

Severino retoma a importância da Associação local e a produção agropecuária da comunidade, com destaque para as culturas do feijão, mandioca e do milho e a criação de pequenos animais.

Nesse ponto já conseguimos identificar um dos princípios do Bem Viver elencado por Choquehuanca (2010b), que diz respeito ao trabalho com a terra e o fortalecimento da economia local, princípio caracterizado como (re) incorporação da agricultura, uma prática já bastante recorrente no Quilombo Sítio Arruda.

Um destaque no relato de Severino é dado à importância da água da cisterna, utilizada pelos moradores para consumo, utilização na alimentação. Já a água para banho e lavagem de roupas depende de outra cisterna de maior capacidade, chamada de "cisternão", com capacidade de armazenamento de 52 mil litros que perduram durante um ano. A essa quantidade é necessário acrescentar uma quantia de água comprada para que o abastecimento seja garantido até o final do período da seca. Nesse ponto, observamos nitidamente um dos princípios do Bem

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u3SA2rgpClk&t=139s>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021.

Viver citado por Choquehuanca (2010b), que diz respeito à distribuição racional e bom aproveitamento da água.

A valorização dos saberes das mulheres mais velhas da comunidade, como as rezadeiras e as parteiras, também é destacada. As mulheres mais novas recebem esses saberes, o que, para Severino, indica que o grupo possui uma capacidade de manutenção e transmissão das tradições, das memórias e dos saberes. Tal ponto vincula-se diretamente com dois princípios do Bem Viver. O primeiro diz respeito à valorização das mulheres, uma vez que as mulheres representam a própria Mãe Terra, capaz de gerar vida e de cuidar de todos os seus frutos. O outro ponto diz respeito a valorização das anciãs, que, conforme Choquehuanca (2010b), devem ser escutadas, pois elas são fontes de aprendizagem que guardam histórias e costumes. Em síntese, a valorização dos saberes das mulheres mais velhas pela comunidade conjuga dois importantes princípios do Bem Viver atestando o argumento anunciado logo no início deste artigo de que há uma correlação direta entre o que é conceituado como Bem Viver e o que é relatado e praticado na comunidade quilombola Sítio Arruda.

Severino também relata a fabricação artesanal de tijolos usados na construção e melhoria das unidades habitacionais. Tal elemento é indicativo de que a comunidade possui uma produção e gestão coletiva e sustentável relacionada à moradia. Ele detalha alguns dos procedimentos que envolvem essa produção: cavar e irrigar a terra, amassar e pilar o material. Essa produção deve ocorrer no mês de junho e alguns moradores se destacam na quantidade de tijolos "batidos", sendo sempre requisitados pela comunidade. A fabricação artesanal de tijolos também remete aos princípios do Bem Viver, uma vez que reúne características de um trabalho feito a partir de um regime de reciprocidade (mutirões coletivos) e utilização de forma equilibrada dos recursos naturais cujo objetivo também é o de alcançar uma vida mais simples, tal como conceitualizado por Choquehuanca (idem).

O relato de Severino também aborda as memórias da escravidão, enfatizando o sofrimento com um regime de trabalho que era marcado por privações e pela falta de acesso à terra. Essa percepção de um passado difícil e de que a vida melhorou nos últimos anos, exemplificado com a qualidade das moradias e a superação de uma situação de insegurança alimentar em um passado não tão distante, é diretamente vinculada com a construção da identidade quilombola. Ou seja, o fortalecimento político decorrente da autoafirmação identitária foi parte fundamental de um processo de conquistas sociais ocorridas na comunidade quilombola do Sítio Arruda. Aqui podemos identificar mais um princípio do Bem Viver, que diz respeito justamente sobre a valorização e recuperação da identidade (CHOQUEHUANCA, 2010b).

Severino também fala sobre a importância da transmissão aos mais jovens da história local como forma de não se esquecer o passado, conforme a figura 2, e como uma possibilidade de se reconstruir o futuro, o que passa pelo envolvimento das crianças nessas questões. Aqui também podemos identificar o princípio do Bem Viver do fortalecimento da identidade e também o princípio da complementaridade, que diz respeito a todos os membros de uma comunidade necessitarem um do outro e também aprenderem um com o outro.

Esse princípio da complementaridade também pode ser associado com a fala de Severino sobre a existência das rezadeiras e seus conhecimentos sobre as plantas medicinais. Nesse ponto, Choquehuanca (idem) exemplifica dizendo que o ser humano não deve matar as plantas porque elas complementam a sua existência e ajudam para que sobreviva. Por último, as falas sobre as manifestações religiosas remetem aos valores identitários da comunidade quilombola Sítio Arruda e se aproximam do princípio do Bem Viver referente à defesa da identidade.

"Corrente suja e corrente limpa": concepções de saúde e doença

O segundo documentário a ser analisado é intitulado "Rezas e plantas medicinais no Sítio Arruda: a cura pela ancestralidade"⁹. Francisca Claudina do Nascimento (mãe Chica), diz que aprendeu com "*o povo mais velho*" a rezar, contra mau olhado, quebranto, dor de cabeça de sol, espinhela caída, dentre outros males. Mãe Chica retoma elementos biográficos localizando em um período da sua vida que esteve doente o marco para que iniciasse seu aprendizado acerca das rezas.

Figura 3 – Mãe Chica rezadeira da Comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEqhN__6ReE&list=PL0oE69U2m--IsDM4uqSFInX4xHmRn5hoc&index=2>. Acesso em: 31 de ago. de 2021.

Mãe Chica explica que o conhecimento para efetuar as rezas deriva de um dom da pessoa. Essa condição determina para quem os conhecimentos podem ser transmitidos, uma vez que uma pessoa sem dom não poderá aprender o que lhe foi ensinado. Os relatos de Mãe Chica indicam que, muitas vezes, a doença de fundo espiritual relaciona-se à sujeira e a saúde à limpeza do campo espiritual da pessoa.

Os males espirituais, por sua vez, atuam no corpo físico provocando sintomas, como vários tipos de dores, inflamações, etc. A essa relação entre males espirituais e desequilíbrio do físico soma-se outra condição da pessoa adoentada, o fato dela possuir um "corpo aberto". Uma pessoa com o "corpo aberto" possui mediunidade e estará passível de ser afetada por espíritos de mortos que lhe causam mal. Ter corpo fechado ou aberto é uma condição de nascença, assim como o dom para o aprendizado das rezas.

Mãe Chica diz ter abandonado as rezas que fazem a limpeza dos corpos, mas continua com as chamadas rezas fáceis - direcionadas para as crianças para tirar mau olhado, quebranto e vento caído. Com relação aos remédios, ela diz que para as crianças são indicados chá de alecrim, raiz de melissa cozida com água e açúcar para diarreia. A fé é citada como um elemento fundamental para o êxito no tratamento de saúde e Mãe Chica cita nominalmente as santas as quais têm devoção, como Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora do Livramento, Nossa Senhora da Santa Paz e Imaculada Conceição.

De uma maneira geral, é possível afirmar que alguns princípios do Bem Viver, conforme sistematizados por Choquehuanca (2010b), estão presentes nas falas de Mãe Chica, principalmente os que dizem respeito ao conhecimento sobre as plantas medicinais e a promoção da saúde a partir de valores próprios da identidade quilombola detidos e transmitidos pelas mulheres anciãs.

Entre as brocas e as onças

No documentário "Memórias, estórias e fatos do Sítio Arruda"¹⁰, Raimundo do Nascimento, filho de Mãe Chica, relembra como era a paisagem do local no início da comunidade. Com o tempo, foi sendo feito o manejo e a abertura de brocas para o plantio das roças. O seu relato é interessante pois retoma a formação agrária informando sobre as roças que foram se juntando, processo que envolveu a compra de terras de outros proprietários.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0bBa2vw5U_4&list=PL0oE69U2m--IsDM4uqSFIInX4xHmRn5hoc&index=3&t=291s. Acesso em 31 ago. 2021.

Raimundo do Nascimento conta, por exemplo, a história dos primeiros roçados de mandioca, revelando que as mudas foram trazidas nos ombros de um lugar distante. Ao lembrar a antiga paisagem, ele diz que havia o predomínio da mata e presença de animais ferozes, como onças. As primeiras moradias eram barracos de pau e a sobrevivência no lugar envolvia a busca por alimentos em lugares distantes, como as serras.

Ao afirmar que "*hoje estão no céu*" em comparação à época de seu pai, Raimundo evoca a importância do trabalho coletivo sobre uma paisagem que com o manejo correto tornou-se produtiva. A fala de Raimundo vincula-se diretamente com o princípio do Bem Viver da valorização da agricultura, do trabalho como forma de crescimento e da relação equilibrada com a Natureza (CHOQUEHUANCA, 2010b), na medida em que remete a práticas e tradições culturais historicamente consolidadas na comunidade.

"Eu tenho fé"

No documentário "Fé, oração e costumes: relatos e vivências do Sítio Arruda"¹¹ Maria Eliane de Souza inicia dizendo que no dia 01 de maio, dia de Santa Maria, costuma-se acordar bem de manhã para coletar flores que depois são fixadas nos batentes das portas de entrada das casas, que depois irão receber a visita da Santa, de acordo com a figura abaixo. Ela destaca que durante todo o mês de maio todas as flores são benzidas.

Figura 5 – Flores nas portas das casas para saudar Santa Maria no dia 01 de maio



Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uqqr6NL9TI&list=PLOoE69U2m--IsDM4uqSFInX4xHmRn5hoc&index=4>>. Acesso em: 30 de ago. de 2021.

Maria Eliane passa a indicar o uso medicinal de algumas dessas plantas, como a caatingueira, utilizada para controlar o catarro. Interessante é que ela associa as propriedades das plantas com a fé de quem as utiliza. Outra moradora da comunidade quilombola do Sítio Arruda que cede entrevista nesse documentário é Dona Edênia de Sousa. Em sua fala, ela aborda o aprendizado das rezas com "*as mais velhas*" e cita algumas rezas revelando sua estrutura, parte do conteúdo e materiais utilizados, como algodão e agulha. Ela também aborda a condição que envolve as pessoas médiuns citando sua irmã. Nesse ponto, ela explica que o médium tem guias (mentores espirituais) bons e maus.

Figura 7 – Plantas medicinais nos quintais da comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Raimundo do Nascimento, que cedeu entrevista no documentário comentado na seção anterior, também participa desse documentário abordando questões relativas à fé. Algo interessante citado em sua fala diz respeito às pessoas adoentadas que se encontram fora do território quilombola. Segundo ele, essas pessoas recebem orações de rezadeiras do Sítio Arruda e alcançam a cura. Ele também explica um pouco mais sobre os encostos que atormentam algumas pessoas, exemplificando que esse mal é como se fosse algo pesado que se coloca sobre quem está em sofrimento.

Nessa situação, o rezador deve "puxar" o encosto para retirá-lo. Ocorre que ao fazer isso essa sobrecarga negativa se dirige para o próprio rezador, que tem agora que encaminhar esse encosto para um lugar distante. Como todo esse procedimento é exaustivo, rezadores em idade

avançada tendem a evitar o oferecimento desse tratamento, como é o caso de sua mãe, Dona Chica.

O interessante a notar nesse documentário é que existe uma concepção generalizada entre os moradores de que a manutenção da saúde depende necessariamente do controle de coisas más e/ou negativas, da proteção e do combate às forças maléficas. Ou seja, o bem só poderá se manter se o mal for devidamente neutralizado. O fato dessa dicotomia bem e mal ser tão enfatizada talvez revele o sentido mais profundo do Bem Viver, qual seja, se não forem praticadas e buscadas formas necessariamente benéficas de ser e estar no mundo, o que dominará será exatamente o seu contrário.

"Aqui todo mundo é parceiro"

No documentário "Pedagogias do quilombo: experienciando o Bem Viver nas narrativas de Fátima Lourenço"¹², o relato é da moradora Maria de Fátima Lourenço Bispo, que pertence à primeira família a chegar na comunidade Sítio Arruda. O relato marca as dificuldades iniciais da permanência no lugar, como a precariedade das moradias. Ela ressalta a importância da existência atual das cisternas para o fornecimento da água, uma vez que inicialmente esse abastecimento era feito a partir de água de açudes.

O relato traça um panorama das transformações ocorridas na comunidade destacando a evolução da organização política com a autoidentificação como quilombola. Ela ressalta o processo educativo da comunidade assim como a educação formal conquistada por alguns dos moradores.

Com relação à produção agrícola da comunidade, ela ressalta as culturas do milho, feijão e mandioca. Ela diz que todos os moradores se ajudam com alimentação e no acesso aos serviços de saúde. Alguns desses serviços de saúde são ofertados pelas mulheres, as mezinheiras, que ofertam preparados de plantas medicinais.

Ela cita a terreirada, batida de tambor, que é realizada com o objetivo de promover brincadeiras para as crianças. Ela destaca o trabalho comunitário que ocorre para a construção das casas com tijolos fabricados artesanalmente. A construção de uma capela é tida como a realização de um sonho, realizada pela doação de dízimos dos moradores e envolveu o trabalho de pedreiros da própria comunidade. Maria de Fátima destaca todas as atividades que são desenvolvidas atualmente nessa capela, como as missas, velórios e bingos beneficentes.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZLIDQnHBdXg&list=PL0oE69U2m--IsDM4uqSFIInX4xHmRn5hoc&index=5>>. Acesso em: 5 de set. de 2021.

Ela também destaca os aprendizados que são transmitidos internamente, como os cuidados com os filhos que as mães mais velhas repassam para as mães mais novas. Ela destaca que os moradores mais velhos possuem muitos conhecimentos, como de plantas medicinais, de rezas, dos solos, das estações. Esses conhecimentos são considerados muito importantes e os anciãos são reconhecidos como "*professores da vida*".

Maria de Fátima argumenta que atualmente é necessário que a escola trabalhe a história quilombola, para que as crianças possam ter orgulho de se auto identificar como quilombola. Porque ser quilombola se refere a um conhecimento tradicional que veio da família. Pois essas pessoas tinham muitos conhecimentos que foram transmitidos pelas gerações. Maria de Fátima argumenta que o Bem viver é um modo de viver de forma harmônica, de viver a comunidade em parceria, ter o vizinho como o seu amigo e ajudar as pessoas que precisam. Ela diz que o Bem Viver na comunidade é bem aplicado, pois é uma comunidade feliz marcada pela colaboração entre todas as famílias.

Um ponto interessante informado por Maria de Fátima diz respeito à tradição dos moradores em possuírem em suas casas a planta arruda, que dá o nome à comunidade. Ela explica que essa planta tem o poder de retirar a energia negativa carregada por algumas pessoas. Com isso, todas as casas da comunidade sempre estão protegidas contra essa negatividade. Como o leitor pode notar, que ponto vai ao encontro do que tratamos ao fim da última seção. De uma maneira geral, Maria de Fátima é a única moradora que cita literalmente o conceito de Bem Viver, o que revela sua formação política e intelectual de destaque na comunidade, e seu relato corrobora e exemplifica todos os princípios do Bem Viver que foram citados de maneira implícita pelos outros moradores.

"Bem Viver é envolvimento"

Finalmente, no documentário "O Quilombo de Arrudas e o Bem Viver sob o olhar das experiências/vivências das irmãs Verônica e Valéria Carvalho"¹³ são abordados de forma mais evidenciadas os princípios do Bem Viver e isso se explica devido ao fato de Verônica Neuma das Neves Carvalho, mulher preta sexagenária, ser ativista do movimento negro e integrante do Grupo de Valorização Negra do Cariri/GRUNEC.

Verônica não é moradora da comunidade e sim alguém que atuou diretamente no processo de fortalecimento político e identitário da comunidade quilombola Sítio Arruda. No

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c-NB9zQNdaI&list=PL0oE69U2m--IsDM4uqSFIInX4xHmRn5hoc&index=6>>. Acesso em: 10 de set. de 2021.

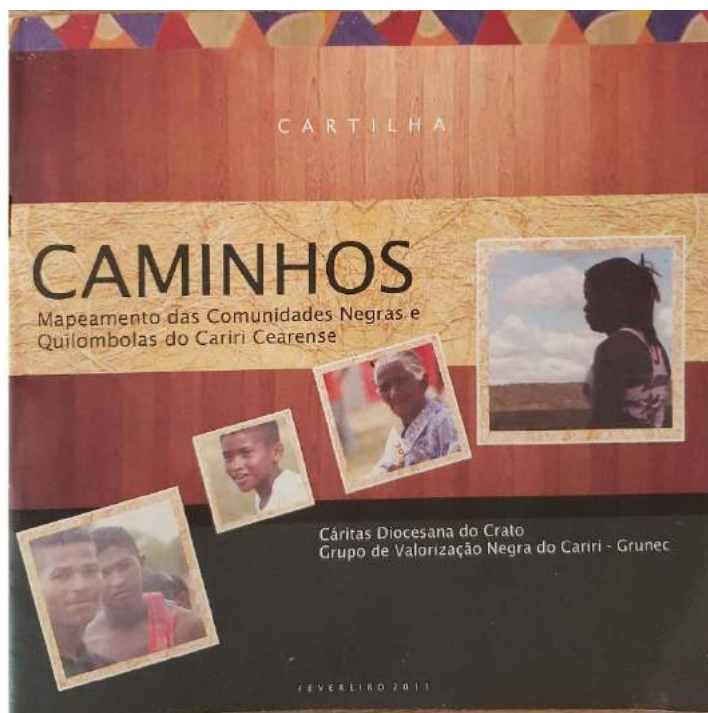
documentário ela relembra como foi a chegada à comunidade quilombola que, à época, apesar da riqueza cultural era muito carente de políticas públicas. Foi, então, identificada a necessidade de formação política e busca por direitos. O diálogo com a gestão pública foi iniciado. Esse processo de fortalecimento político resultou quase que imediatamente na construção de 18 (dezoito) cisternas e na entrada no programa "Luz para Todos".

Verônica diz que a comunidade estava desanimada e com essas conquistas iniciais houve muita esperança renovada. As formações foram continuadas, como o de gerenciamento de recursos hídricos, associativismo e cooperativismo. Também foi iniciado um trabalho com as mulheres de revitalização cultural, fortalecimento identitário e questão agrária.

Verônica diz algo importante ao identificar esse processo ocorrido na comunidade como uma relação de envolvimento. Para ela, é esse envolvimento o que sustenta o Bem Viver. Em suas palavras, o povo envolvido constrói o Bem Viver. Ela diz que Arrudas é a comunidade que muda a história do Ceará, e se a historiografia não reconhece a população negra como construtora da história do Ceará, a história de Arrudas precisa ser recontada.

De acordo com Verônica, o GRUNEC executou na comunidade de Arrudas os princípios civilizatórios africanos, quais sejam, a valorização da oralidade, a ludicidade como princípio pedagógico fundamental para o aprendizado e as grandes rodas de aprendizado, um dos trabalhos desenvolvidos pelo GRUNEC foi a Cartilha Caminhos, que realizou o mapeamento das Comunidades Negras e Quilombolas da região do Cariri conforme a figura 10. Nesse documentário, a irmã de Verônica, Valéria Gercina das Neves Carvalho, chama a atenção para a entrada de estudantes quilombolas no Ensino Superior, por certo um grande avanço como outros referentes à existência de uma escola bem estruturada na comunidade e a consolidação da política assistencial.

Figura 10 – Cartilha Caminhos, desenvolvida pelo GRUNEC em 2011



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ao fim, Verônica sintetiza dizendo que o que ocorreu na Comunidade Quilombola Sítio Arruda, em suas palavras "*é avanço, isso é conquista, isso é fruto de muita reflexão do povo que quer construir o Bem Viver com a comunidade*".

Considerações finais

Este artigo pretendeu demonstrar que os princípios conceitualizados como Bem Viver (ACOSTA, 2016; CHOQUEHUANCA, 2010b) estão presentes nos discursos dos moradores da comunidade quilombola Sítio Arruda, localizada em Araripe, Ceará. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da análise de uma série de documentários disponíveis na plataforma *YouTube*, em que alguns moradores narram suas experiências e histórias da comunidade, foi possível identificar e analisar de quais formas o Bem Viver é valorizado no Sítio Arruda.

Dentre os princípios do Bem Viver passíveis de serem identificados nas falas dos moradores destacam-se a valorização da prática da agricultura, o uso racional da água, a valorização das mulheres e dos anciãos, a defesa da identidade, a relação de complementaridade entre os seres humanos e a Natureza e a valorização do trabalho como crescimento.

Espera-se que o presente artigo possa colaborar para a valorização da comunidade quilombola do Sítio Arruda a partir da divulgação de seus saberes a fim de que a população

quilombola possa garantir efetivamente seus direitos que historicamente são invisibilizados possa cada vez mais garantir seus direitos sociais e, ao mesmo tempo, servir de exemplo e inspiração na construção de um futuro em que os princípios do Bem Viver sejam predominantes.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tra. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária e Editora Elefante, 2016.

ACOSTA, A.; BRAND, U. *Pós-extrativismo e decrescimento: saídas do labirinto capitalista*. São Paulo: Elefante, 2018.

ALCANTARA, L.; SAMPAIO, C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? *Desenvolvimento e Meio Ambiente*: Curitiba, v.40, p.231- 251, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v40i0.48566>.

BRASIL. Presidência da República. *Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007*. Institui a Política de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 13 de set. 2021.

CUBILLO-GUEVARA, A. P.; HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; GARCÍA-ÁLVAREZ, S. El Buen Vivir como alternativa al desarrollo para América Latina. *Revista iberoamericana de estudios de desarrollo*, v. 5, n. 2, p. 30-57, 2016.

CHOQUEHUANCA, D. 2010b. “*O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*.”, in: *La Razón*, 31 de janeiro de 2010, La Paz: Ministerio de Relaciones Exteriores, 2010. Disponível em: http://www.altaalegremia.com.ar/Vivir_Bien.phtml. Acesso em: 02 set. 2021.

DIAS, A. R. M.; CASTILHO, K. C.; SILVEIRA, V. S. Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. *Ensaio Pedagógico* (Sorocaba), v. 2, n. 1, p. 81-88, 2018.

GARCIA, E. Decrescimento e Bem Viver: algumas linhas para um debate adequado. In: LENA, Philippe. NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. Editora Atlas SA, 2008.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa*. Tradução: Manuel Jimenez Reondo. Madri: Taurus, 1987.

MARX, K. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Tradução: José Jeseus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário O Quilombo resiste: conhecendo a história da Comunidade Quilombola do Sítio Arruda*. YouTube, 17 de maio de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/u3SA2rgpClk> . Acesso em: 23 ago. 2021.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário Rezas e plantas medicinais do Sítio Arruda: a cura pela ancestralidade*. YouTube, 22 de julho de 2021. Disponível em: https://youtu.be/PEqhN__6ReE . Acesso em: 24 ago. 2021.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário Memórias, estórias e fatos do Sítio Arruda*. YouTube, 29 de julho de 2021. Disponível em: https://youtu.be/0bBa2vw5U_4. Acesso em: 26 ago. 2021.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário Fé, oração e costumes: relatos e vivências do Sítio Arruda*. YouTube, 31 de julho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/uqqr6NL9TI>. Acesso em: 30 ago. 2021.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário Pedagogias do quilombo: experienciando o Bem Viver nas narrativas de Fátima Lourenço*. YouTube, 22 de agosto de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/ZLIDQnHBdXg>. Acesso em: 31 ago. 2021.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES. *Documentário O Quilombo de Arrudas e o Bem Viver sob o olhar das experiências/vivências das irmãs Verônica e Valéria Carvalho*. YouTube, 01 de setembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/c-NB9zQNdaI>. Acesso em: 02 set. 2021.

ROSA, L. D. Bem viver e terra sem males: a cosmologia dos povos indígenas como uma epistemologia educativa de decolonialidade. *Educação*, Porto Alegre, v.42, n.2, p.298- 307, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2019.2.27652>.